

ROTEIROS CULTURAIS DE BENTO GONÇALVES (RS): UMA ANÁLISE COMPREENSIVA DE SUA RELAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL

Pablo César Uez¹

Pedro de Alcântara Bittencourt César²

Raquel Flâmia³

Resumo

Analisa-se os Roteiros Turísticos de Bento Gonçalves (RS), sua formação e relação físico-territorial como resultantes da formação da localidade turística. Esta pesquisa se referencia em dois roteiros elaborados, por resultado de planejamento e ações diversas, para a inserção da atividade turística. A partir destas ações, define-se este município como destino indutor do turismo nacional. Tal condição o torna referência no conhecimento da atividade de visitação. Realiza-se pesquisa qualitativa, de natureza exploratória. Como procedimento metodológico, pensa-se em um modelo ideal, ou seja, uma relação weberiana de confronto entre as práticas encontradas. Assim, estudam-se os roteiros Caminhos de Pedra e Vale dos Vinhedos, suas características de implantação, entre outros aspectos gerais, localizando os atores envolvidos na criação, gestão e configuração das lógicas superestruturais envolvidas.

Palavras-chave: Planejamento turístico. Planejamento regional. Turismo cultural. Roteiro turístico-cultural. Bento Gonçalves (RS).

Introdução

Em pleno período ditatorial (1972), a Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul e a Secretaria de Estado de Turismo do Rio Grande do Sul (da gestão de Edison Baptista Chaves) apresentam o Plano Regional do Turismo. Na adoção desse primeiro plano turístico da Região Sul, aponta-se a Rota Uva e Vinho e Regiões das Hortênsias (BRAMBATTI, 2005, p.36), referenciando valores étnicos e culturais. Esta prática estabelece uma importante base superestrutural para o turismo na região.

Assim, tal ação reformula a referencia dos recursos culturais da Serra Gaúcha como atrativo turístico. Nele o visualiza como atrações e oportunidades para aumento

¹ Universidade de Caxias do Sul – PPGTur Mestrado em Turismo.

² Universidade de Caxias do Sul – PPGTur Mestrado em Turismo e Centro de Artes e Arquitetura

³ Universidade de Caxias do Sul – Centro de Artes e Arquitetura

na econômica do turismo. Tais atos ajudam a manter o interesse turístico por destinos diversos e freqüentemente agregam vantagens adicionais que podem estender o produto de utilização turística (TIGHE, 1986).

Hoje, a região é um dos principais destinos turísticos do Brasil. Nela, embora a visitação turística seja acompanhada de numerosas relações, suas atrações culturais são, freqüentemente, catalisadoras de inúmeras possibilidades. Nessa condição, sobressai o município de Bento Gonçalves (RS), posicionado como Destino Indutor, categoria de referência turística do Ministério do Turismo (BARBOSA, 2010). Nele, consolidam-se dois vetores: os eventos relacionados à produção local, como a Fenavinho (Feira Nacional do Vinho) e os seus roteiros culturais.

O apelo de visitação, na região, associa-se a valores simbólicos definidos do processo de assentamento da migração italiana, sua produção e seu ambiente físico. Assim, a cultura da imigração européia, o clima ameno e as paisagens, distintas do restante do país, são grandes recursos, que geram um fluxo crescente de visitantes dos mais variados locais. Soma-se, também, a morfologia montanhosa de seus relevos, produção agrícola familiar de pequenas propriedades e índices de desenvolvimento acima da média nacional. Condição esta que destaca uma cultura peculiar, com enorme potencial turístico, que tem se desenvolvido ao longo do tempo.

Neste panorama, justifica-se a pesquisa dos dois roteiros turísticos, reconhecidos no mercado de visitação turística como de grande destaque e sucesso: O Vale dos Vinhedos e os Caminhos de Pedra. Estes são apresentados como referenciais para o posicionamento turístico da Serra Gaúcha (BRAMBATI, 2005).

Construção metodológica

Nesta pesquisa, adotam-se elementos espaciais, como região, território e lugar, que, entretanto, não serão detalhados neste artigo. Aqui, serão usados para reconhecer os limites conceituais dos objetos analisados, ou seja, os referidos roteiros, e suas dinâmicas sócio-espaciais. Buscam-se, assim, pontos de convergência e divergência existentes entre os roteiros implantados. Faz-se um recorte para o entendimento das suas forças hegemônicas, lógicas dominantes e relações superestruturais fundadas e resultantes.

Realiza-se pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, para “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1987, p.44). Nela, adotam-se “fontes documentais a fim de garantir a evolução do processo de conhecimento” (LEFEBVRE, 1986, p.146) e finaliza-se com uma aproximação compreensiva (DIAS, 1986). Nessa abordagem metodológica weberiana, sobressai o entendimento que:

A imperiosidade de referências para o planejamento levou-me a construir alguns tipos ideais, numa formatação metodológica que remonta a Max Weber. No entanto, a metodologia desse mestre viria a ficar abalada com os impactos da reorganização da economia globalizada em redes (YÁZIGI, 2009, p.56).

Entretanto, pensa-se no Método apresentado por Lash (2007), da diferenciação e des-diferenciação. Assim, adota-se uma perspectiva de reconhecimento de uma modernização cultural de diferenciação que redefinem por novos valores. No primeiro momento, se a cultura perde sua autonomia e tem um estatuto aurático, contrapõe-se com o momento atual. Nele, seus valores sofrem rupturas que alteram as fronteiras, como entre o popular e erudito, não representando mais conceitos com seus limites definidos. O comercial se sobrepõe ao produto cultural.

Nesta configuração ontológica, são estabelecidas as dimensões dos objetos estudados. Desta forma, seus recortes conceituais apresentam algumas questões específicas para contrapor os dois objetos (roteiros) de estudo. Por tais panoramas epistemológicos, reflete-se acerca de sua vinculação com o cenário nacional e suas forças superestruturais. Enfatiza-se, nesta abordagem, o equacionamento das questões ligadas ao espaço, principalmente quando aos aspectos econômicos do mercado. Nela, a análise de valores compreensivos fornece a base para o desenvolvimento da pesquisa.

Inicialmente, estudam-se os roteiros de visitação turística. Assim, confrontam-se a pesquisa de levantamento de campo, a análise dos projetos realizados e a observação indireta do local. Incorporam-se novos valores aos procedimentos metodológicos, realizando certos arranjos, na impossibilidade de sua adoção por uma maneira pragmática, por ter sido encontrados materiais extremamente heterogêneos, tais como: planos de desenvolvimento turístico, entre outros planos, levantamentos e inventários

turísticos, além de dissertações. O fato de pertencerem a um mesmo destino indutor forma a sua ligação, porém, sem uma homogeneidade determinante.

Objeto de estudo: os roteiros

Com a indicação de Bento Gonçalves como Destino Indutor de Desenvolvimento Turístico Regional, pelo Ministério do Turismo, vislumbra-se um incremento dos investimentos e, conseqüentemente, da visitação turística da região. O Vale dos Vinhedos, assim como os Caminhos de Pedra, são um produto turístico da Região Uva e Vinho⁴, na Serra Gaúcha.

ROTEIRO VALE DOS VINHEDOS

A atividade turística no Vale dos Vinhedos se faz de uma forma espontânea, ou seja, sem um planejamento específico. Assim, na década de 1970, alguns produtores de vinhos finos (principalmente a Casa Valduga e a extinta Vinícola Fontanive) abrem as propriedades para a visitação (VALDUGA, p.84, 2007). Outro marco desse processo turístico é a abertura da cantina Tumeleiro.

A organização do setor de visitação turística no Vale dos Vinhedos vincula-se à formação de uma associação de produtores. Assim, em 1995, cria-se a Aprovale (Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos), formando um embrião para sua formulação como produto turístico. Aderem-se à iniciativa dezenas de vinícolas, estabelecimentos de gastronomia e de apoio ao turista. Posteriormente, no ano de 2003, faz-se um “Planejamento Estratégico”. Nele, busca-se maximizar ações para o melhor aproveitamento do roteiro, por parte de seus empreendedores, e, entre essas ações, deu-se a consolidação como referência de turismo internacional.

Observa-se, nos anos subseqüentes, uma grande mudança nas características do local. Assim, seus muitos investimentos têm resultado em grandes hotéis, novos varejos e na criação de ambientes sofisticados e de consumo variado, principalmente de vinhos e da gastronomia local. Esta situação favorece o surgimento de uma expansão imobiliária no entorno, que surge como uma ameaça à paisagem local.

⁴ Região Uva e Vinho: programa de Microrregionalização do Turismo da Secretaria Estadual do estado do Rio Grande do Sul.

O Vale dos Vinhedos foi a primeira região vitivinícola brasileira a obter indicação de procedência de seus produtos, em 2001, o que configura um grande diferencial de mercado. A delimitação geográfica caracteriza a Indicação de Procedência dos produtos Vitivinícolas da região. Clima, relevo, composição do solo e a cultura compõem as condições ideais para o desenvolvimento das parreiras e a produção de vinho de qualidade. A produção qualificada e seus atrativos temáticos caracterizam o local como principal destino do enoturismo nacional (VALDUGA, 2007). Esta atratividade gerou, no ano de 2009, um fluxo de turístico superior a 180 mil visitantes (APROVALE, 2010b).

Comercialmente, o Vale dos Vinhedos tem um apelo baseado na paisagem cultural. Relaciona-se a ela a prática de visitação em busca de recordações nostálgicas. Assim, a reconhecida qualidade na produção vitivinícola, associada à produção dos seus vinhos, a cultura, a gastronomia, a hospitalidade e a receptividade, são apresentados como diferenciais que criam valores agregados na oferta turística dos seus produtos. Porém, fatores diversos têm ameaçado esta condição, comprometendo os recursos culturais necessários para a formação do produto turístico. Observa-se que seu planejamento atual prioriza, principalmente, o aumento de visitantes e a criação de fluxos turísticos crescentes e constantes. Tal condição, entre outras, compromete a paisagem e um cenário que envolve todo um aspecto bucólico, relacionando seus aspectos naturais, culturais e sociais.

No local, a paisagem resulta da apropriação territorial do espaço, por uma lógica pautada na produção vitivinícola, pela sociedade local. Essa se associa a uma “cultura local” (LAVANDOSKI, 2008, p. 29). A paisagem tem apelo marcante, neste contexto, pois se expressa de forma visual ao visitante, como síntese desta identidade.

ROTEIRO CAMINHOS DE PEDRA

A partir da iniciativa privada, um projeto de requalificação foi implantado, na linha São Pedro. Nele, propõe-se valorizar a arquitetura e a identidade cultural, trazendo visitantes e recuperando as atividades econômicas dos moradores do vilarejo.

Atualmente, o roteiro Caminhos de Pedra conta com treze pontos de visitação, entre restaurante, vinícola, pousada e outros equipamentos. Além destes locais, encontram-se mais de cinquenta pontos de observação paisagem e de atrativos diversos,

definindo uma face rural, seja nas características dos seus lotes, ou no sustento agrário como renda. São pequenas propriedades que sobrevivem ao tempo, mesmo com a expansão das cidades, que, atualmente, incorporam o turismo, como atividade econômica.

O Projeto Caminhos de Pedra tem como gestor o proprietário de um hotel da cidade que buscava a formatação de roteiros como opção de atrativos para seus hóspedes. Assim, este empresário associa-se a um corpo técnico, o que resulta no plano implantado como proposta de Roteiro Cultural (POSENATO, 1994). Nele, envolve os antigos moradores da Colônia São Pedro, mas, também, atrai outros pequenos gestores para se tornarem empreendedores na área. Busca-se associar a história e a cultura que os imigrantes italianos trouxeram a Serra Gaúcha desde 1875, como atrativo turístico. O nome Caminhos de Pedra retrata o desprezo dado às edificações com esse acabamento rústico, predominante no local. A grande maioria das construções são construídas em pedra basalto, material abundante da região, característica da arquitetura vernacular desenvolvida pelos imigrantes. Assim, trabalha-se essa condição para recuperar a auto-estima de seus moradores como parte de ações de valorização cultural.

No empreendimento, inicialmente, realizou-se um levantamento do acervo arquitetônico. De acordo com a pesquisa realizada por Posenato (1994), o distrito de São Pedro possuía um numeroso acervo, de alta qualidade, de prédios representativos das diversas funções da imigração italiana (residencial, religiosa, industrial, comercial) materiais (pedra, tijolos, madeira) e períodos (primitivo, apogeu, tardio), concentrados em uma pequena área de fácil acesso e próximo à cidade; abundante em recursos hídricos, paisagens ricas em araucárias e beleza natural. Nesse acervo material, parcialmente abandonado e esquecido, exigiam-se ações imediatas para não terem a mesma sorte de tantas casas de pedra, madeira e alvenaria que acabaram ruindo ou sendo demolidas. O projeto previa uma concepção inovadora: não apenas prédios isolados como monumentos, mas funcionando de uma forma dinâmica, como no período em que foram construídos, com as mesmas atividades, processando os mesmos produtos, funcionando como um museu vivo. O inventário do Caminho de Pedras se define, provavelmente, como o maior memorial de edificações em pedra basalto da imigração italiana. O projeto foi iniciado em abril de 1992 e aprovado na LIC (Lei de Incentivo a Cultura) do município, em 1998.

A expectativa era de re-qualificar sócio-culturalmente a antiga colônia São Pedro. Assim, esperava-se proporcionar uma perspectiva de preservação da cultura da imigração italiana, agregando os valores culturais ao legado dos imigrantes (POSENATO, 1994, p.7). Desta forma, desde o início da implantação do projeto esperava-se uma maior variedade de produção e renda entre os moradores do local. Assim, associaram-se as atividades de visitação turística com a produção agrícola, para sustento das famílias envolvidas das comunidades. O turismo se tornou um complemento da atividade agrícola (FÁVERO, 2001, p. 12).

Em 2005, o projeto passou por uma revisão. Nele, tem-se “[...] como objetivo atender às demandas do contexto atual, mais amplo, adequando-o às novas necessidades e tecnologias, enfatizando a busca pela sustentabilidade nos âmbitos ambiental, social/humano, cultural e econômico e o monitoramento de resultados” (OLTRAMARI, 2005) A reavaliação do projeto visa adaptar as novas diretrizes com as normativas do IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, e da renovação junto à Secretaria Estadual da Cultura, através do Sistema de Financiamento e Incentivo às atividades Culturais – Sistema LIC. Entretanto, são valores reconhecidos no projeto, desde a primeira fase: A melhoria urbana e ambiental; O reconhecimento do valor das raízes italianas; Oportunidade de empregos e renda na comunidade para seus moradores (FÁVERO, 2001).

Consideração dos roteiros

O início de um processo de turistificação, para ser conseqüente deve contar com dois âmbitos de intervenção: um oficial, representado por um dos poderes constitucionalmente eleitos (executivo e legislativo); outro, baseado num conselho exterior, composto de representantes da sociedade civil, na qual o poder oficial também se faz representar por um indivíduo cuja missão é estabelecer a ponte com sua oficialidade (YÁZIGI, 2009, p.95).

Espera-se realizar estas considerações confrontando o presente-concreto, as duas realidades, com este cenário ideal apresentado acima por Yázigi (2009). Assim, notam-se algumas relações observadas, exitosas, contraditórias, realistas, mas principalmente, presentes no roteiro e no turismo nacional.

O Vale dos Vinhedos tem sua implantação baseada em lógicas superestruturais governamentais. Observa-se que, com a determinação do governo do Estado do Rio Grande do Sul, no início na década de 1980, o local incorpora arcabouços legais que o

sustentam como atrativo cultural e, posteriormente, turístico. Nos dias atuais, esta situação remete ao envolvimento no Programa de Planejamento e Gestão da Regionalização, do Ministério do Turismo, o que reforça uma relação direta com os agentes governamentais. Assim, seja com determinação oficial, ou com recursos diversos, transforma uma antiga área de produção de uvas e vinhos em localidade turística. Nestas décadas, as relações da localidade com as essas forças proporcionaram, em alguns momentos, transferência de interesse a acesso, definindo o local com as vantagens institucionais e tecnológicas do setor produtivo do vinho e posteriormente turístico.

Neste panorama, destacam-se poucos produtores de vinho, de fato, envolvidos com as transformações. São, assim, um número mínimo de agentes no processo de turistificação, entre os que aderiram a toda a lógica de transformações, entre outros envolvidos recentemente. No roteiro, a lógica bucólica fica no imaginário de um passado do antigo imigrante italiano, embora suas histórias sejam repetidas inúmeras vezes aos visitantes. Cria-se, ou possibilita-se criar, no imaginário desses, contos lendários. Entretanto, as novas incorporações tecnológicas na produção dos vinhos tornam-se o principal mote dos valores agregados apresentados. Nitidamente, observa-se a descaracterização do lote colonial, com a anexação desses, definindo-se novas configurações territoriais. Situação resultante da concentração econômica, dos agentes determinantes da formulação do destino turístico. Relação contraditória, pois são os mesmos que definem uma paisagem, e a transformam, colocando em risco a sustentabilidade paisagística, no sentido cenográfico. Às margens do processo hegemônico dezenas de outros agentes estão diretamente vinculados com o destino turístico, configurando a formação de uma cadeia de produtores que apresentam seus minifúndios como oferta complementar do Vale dos Vinhedos.

O roteiro “Caminhos de Pedra” tem sua formulação baseada em um projeto pessoal. Nele é nítida a intenção de agregar valores à empreendimentos urbanos. Surge, assim, o projeto, como uma ação idealizada e fundada na iniciativa privada. Por suas relações de planejamento, alteram-se realidades atribuindo novos valores ao potencializar a história do local envolvido.

As primeiras ações, de sensibilização dos moradores locais, os envolvem como atores das transformações espaciais. Outros micros empreendedores foram convidados a

se envolverem, criando novas poupanças privadas, o que distancia a lógica produtiva do poder público. O projeto tem características privadas, com valores, muitas vezes, de associações de comunidade, embora este com referência antropológica questionável. A área tem, inclusive, uma nova oportunidade de desvinculação tardia dos meios produtivos. Suas lógicas espaciais, como colônia agrícola, e, posteriormente, como localização dos novos eixos rodoviários regionais a colocam à margem do processo econômico.

Hoje, a localidade tem marcante presença de um agente indutor, gestor e gerenciador. A este se somam dezenas de outros como parceiros de empreendimento, nunca envolvendo grandes investidores e nem ações volumosas do setor público, embora haja um reconhecimento e ações governamentais, como na implantação de sinalização turística. A principal característica é a atmosfera bucólica de micro propriedades. Essa situação pode ser alterada, somente, com a re-divisão dos módulos, entretanto, esses, visualmente, permanecem. A quase ausência de parreirais e outras culturas de migração é uma ameaça, assim como a expansão urbana da cidade, vista em determinados locais de observação. O roteiro, embora, definido como um consolidado e com características próprias, busca novos cenários.

Importante ressaltar que essa é parte de muitas outras reflexões, possíveis, necessárias e sendo desenvolvidas sobre essa região. Assim, observa-se que, com a formulação inicial apresentada, de Yáziqi (2009), alguns entendimentos são possíveis. Os roteiros são desenvolvidos com seus pilares em projetos de planejamento. No primeiro, as ações de marketing são latentes, o que se contrapõe com as ações físico-territoriais e sociais do segundo. Questão, inclusive, contraditória, se observarmos as ações do Estado, que parece mais se realizar como ator de políticas liberais de investimento privado.

Os dois projetos apresentam características positivas marcantes. Assim, tem-se um desafio para o turismo. Será possível uni-las em ações para um planejamento comprometido com a viabilidade econômica e os interesses sócio-territoriais? Fica o desafio, a ser trabalhado futuramente.

Referências Bibliográficas

APROVALE. **Vale dos Vinhedos (RS) espera receber mais de 35 mil turistas para a vindima 2010.** Disponível em: <<http://jornaldeturismo.com.br/noticias/rs/30219-vale-dos-vinhedos-rs-espera-receber-mais-de-35-mil-turistas-para-a-vindima-2010.html>>. Acessado em 18 de dez. 2010a.

APROVALE. **Mais de 180 mil visitantes foram ao Vale dos Vinhedos (RS) em 2009.** Disponível em: <<http://jornaldeturismo.com.br/noticias/rs/30761-mais-de-180-mil-visitantes-foram-ao-vale-dos-vinhedos-rs-em-2009.html>> Acessado em 18 de dez. 2010b.

BRAMBATTI, Luiz Ernesto. **Racionalização, cultura e turismo em meio rural na serra Gaúcha.** Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Porto Alegre: UFRGS: 2005.

BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros (Org.). **Índice de Competitividade do Turismo Nacional - 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento.** (Turístico Regional – Relatório Brasil 2010). Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

DIAS, Célia Maria de Moraes. **Ribeirão Preto: lês pays du café, proposta de utilização turística em fazendas histórica** Tese de doutorado ECA/USP, São Paulo: 1996.

FÁVERO, Ivane Maria Remus. **Diretrizes para o Desenvolvimento Sustentável do Turismo Rural.** Monografia de conclusão do curso de Especialização em Gerenciamento do Desenvolvimento Turístico. UCS/CARVI. Caxias do Sul, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Método e técnica de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1987.

LAVANDOSKI, Joice. **A Paisagem na rota enoturística Vale dos Vinhedos(RS), na perspectiva do Visitante.** (Dissertação de Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, 2008.

LASH, Scott. **Sociologia del posmodernismo**. 2ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974

LEVEBVRE, Henri. Problemas de sociologia. In. MARTINS, José de Souza (org.).
Introdução crítica à sociologia rural. 2ed. São Paulo, Huicitec, 1986, p.144-163.

OLTRAMARI, Fernanda; BORGHETI, Luiz Marcos. Projeto cultural caminhos de pedra: fase 2. Caxias do Sul (RS), Relatório técnico, 2005.

POSENATO, Júlio. **Projeto de Turismo Cultural Colônia São Pedro**. Projeto técnico. Caxias do Sul: 1994.

ROQUE, Andréia M.; VIVAN, Antônio M. O turismo no espaço rural: uma estratégia para a nova gestão rural brasileira. In. Anais do Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, Brasília-DF, 2000.

TIGHE, A. J. "The arts/tourism partnership". In **Journal of Travel Research** n.º 24, Virginia Polytechnic Institute and State University. Virginia (EUA): 1986, p. 2-5.

VALDUGA. V. **O Processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do sul, 2007.

YÁZIGI, Eduardo. **Saudades do futuro: por uma teoria do planejamento territorial do turismo**. São Paulo: Pleiade, 2009.